

**NOTAS SOBRE UMA PSICOLOGIA KIERKEGAARDIANA DO  
INCONSCIENTE**

[NOTES ON A KIERKEGAARDIAN PSYCHOLOGY OF UNCONSCIOUS]

Natalia Mendes

[natalia.nmt@gmail.com](mailto:natalia.nmt@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3149-2787>

*Doutora em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).*

DOI: [10.25244/tf.v15i1.4829](https://doi.org/10.25244/tf.v15i1.4829)

Recebido em: 12 de fevereiro de 2023. Aprovado em: 23 de março de 2023

Caicó, ano 15, n. 1, 2022, p. 97-109

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v15i1.4829](https://doi.org/10.25244/tf.v15i1.4829)

Dossiê Aristóteles dito de muitos modos – Fluxo Contínuo



## Notas sobre uma psicologia kierkegaardiana do inconsciente

MENDES, Natália

**Resumo:** A descoberta freudiana do *inconsciente* (*Das Unbewusste*) revelou a existência de pensamentos e sentimentos não necessariamente amparados pela consciência ativa do sujeito: os estados mentais não-conscientes. Os pseudônimos de Kierkegaard, especialmente os de nível estético, frequentemente são nomeados como inconscientes de sentimentos e pensamentos que os regulam e, no projeto de Kierkegaard, esse fato assume a significação de que estão, na verdade, inconscientes do próprio *self*: mas, como pode alguém estar inconsciente de seu próprio *self* e dos estados ativos que amparam sua própria consciência? Se considerarmos que pensar e sentir estão no nível da consciência ativa do sujeito, como ocorrem sem ela? Que tipo de consciência é esta que não ampara todos os sentimentos, pensamentos e representações ou que não os ampara completamente? Ou seja, que consciência é esta que porta, nela mesma, sua própria negatividade ou a condição de sua contradição? Quando descreve suas personagens estetas como não conscientes do próprio *self*, Kierkegaard está abrindo precedentes para considerarmos que há uma psicologia kierkegaardiana do inconsciente?

**Palavras-chave:** Kierkegaard. Psicologia. Inconsciente. Freud.

**Abstract:** Freud's discovery of unconscious (*Das Unbewusste*) revealed the existence of thoughts and feelings not necessarily sustained by the subject's active consciousness: non-conscious mental states. Kierkegaard's pseudonyms, especially the aesthetic ones, are often described as being unaware of feelings and thoughts, on Kierkegaard's project this means that they are, in fact, unaware of themselves: but can one be unaware of oneself and of the active states that sustained one's consciousness? Considering that thinking and feeling are at the level of the subject's active consciousness, how do they occur without it? What kind of conscience does not sustain all feelings, thoughts, and representations? When Kierkegaard describes the aesthetic characters as unaware of themselves, is he presenting a psychology of the unconscious?

**Keywords:** Kierkegaard. Psychology. Unconscious. Freud.

## 1 A PSICOLOGIA KIERKEGAARDIANA DO INCONSCIENTE

A descoberta freudiana do *inconsciente* (*Unbewusste*) revelou a existência de pensamentos e sentimentos não necessariamente amparados pela consciência ativa do sujeito: os estados mentais não-conscientes. A origem da teoria freudiana do inconsciente remonta ao esquecido Carl Gustav Carus (1789-1869) que, na sua *opus magnum* intitulada *Psyche* (1846), já afirmava que “[a] chave para a compreensão da natureza da vida da alma consciente situa-se na região do estado inconsciente” (CARUS, 1846, p.1)<sup>1</sup>.

Os pseudônimos de Kierkegaard, especialmente os de nível estético, frequentemente são nomeados como inconscientes de sentimentos e pensamentos que os regulam e, no projeto de Kierkegaard, esse fato assume a significação de que estão, na verdade, inconscientes do próprio *self*: mas, como pode alguém estar inconsciente de seu próprio *self* e dos estados ativos que amparam sua própria consciência? Se considerarmos que pensar e sentir estão no nível da consciência ativa do sujeito, como ocorrem sem ela? Que tipo de consciência é esta que não ampara todos os sentimentos, pensamentos e representações ou que não os ampara completamente? Ou seja, que consciência é esta que porta, nela mesma, sua própria negatividade ou a condição de sua contradição? Quando descreve suas personagens estetas como não conscientes do próprio *self*, Kierkegaard está abrindo precedentes para considerarmos que há uma psicologia kierkegaardiana do *inconsciente*?

McCarthy (2015), em seu *Kierkegaard as Psychologist*, apresenta pelo menos duas semelhanças do psicólogo de Copenhague com o psicólogo austríaco: i) a virada metafísica para analisar fenômenos psíquicos; e ii) o uso literário de casos psíquicos. Acredito ainda que um grande paralelo entre ambos está nas distintas narrativas que ambos sustentavam sobre o *inconsciente*. Kierkegaard e Freud entendiam a relação consciência-inconsciente como resultado de uma luta ou atividade interna. Mas, para Kierkegaard, a questão sobre o inconsciente é muito menos se é possível pensar e sentir sem saber que o faz, embora também o seja, e muito mais sobre a perda substancial de si próprio quando não se sabe que se é este *self* determinado aqui (espacialmente) e agora (temporalmente). Assim, a teoria do inconsciente kierkegaardiano é muito mais sobre uma *auto-inconsciência* do que sobre o que acontece no *inconsciente*. Não eliminando a importância de pensar as categorias que movem a vida *inconsciente* para pensar a constituição da própria consciência.

O estado de inconsciência, largamente narrado por Kierkegaard, personifica algum nível de autoalienação: funciona como um abismo epistêmico que separa a consciência dela mesma – o que nos leva a considerar questões importantes à teoria da ação como a ideia de ação como ato volitivo e intencional – e o *self* do próprio sujeito que, no entanto, segue tomando decisões, pensando e sentindo ainda que com percepções fragmentárias de si próprio e de quem ele de fato é, e portanto, efetivamente decidindo, pensando e sentindo de modo fragmentado, i.e., como sujeito não autodeterminado.

A plenificação do *self*, nos termos kierkegaardianos, envolve categorias epistêmicas e psíquicas, tais como: conhecimento, vontade, imaginação, paixão, fantasia, reflexão, percepção. O equacionamento de pensamentos e sentimentos inconscientes passa por uma apropriação de si próprio a partir de um autorrelacionamento reflexivo. O inconsciente freudiano é algo que está ali, é parte da nossa constituição psíquica, nunca totalmente superado ou encerrado, ele fundamenta,

<sup>1</sup> Kierkegaard conhece a obra de Carus no ano de sua publicação e tece nos seus diários uma crítica ao que ele chama de vitalismo sofisticado apresentado em *Psyche*. Conferir: TEIXEIRA, Natalia. Kierkegaard e as Ciências Naturais no Século XIX. *Revista Dissertatio*, vol. 54 (2021), p.3-31.

## Notas sobre uma psicologia kierkegaardiana do inconsciente

MENDES, Natália

ainda que de modo ambivalente, a consciência e aparece na forma de *atos falhos*, pulsões, lembranças encobertas e sonhos. Para Kierkegaard, contudo, o sujeito precisa superar esse estado de inconsciência para se tornar plenamente consciente de si no mundo, escolhendo e agindo como sujeito autônomo.

O inconsciente (*Das Unbewusste*) não é, evidentemente, um lugar anatômico, mas é um *lugar* psíquico que opera conteúdos inatos, filogenéticos, pulsões, que se manifestam por histórias imaginárias, fantasias, manifestações de desejos. A consciência deixa lacunas (lapsos, sonhos, parapraxias) que podem ser explicadas pela via do inconsciente. Para Kierkegaard, contudo, o inconsciente não é propriamente um lugar (mesmo que imaterial), mas uma negação dialética da consciência, um momento negativo dela. Nesse sentido, sua *existência* é puramente negativa: ela só existe como condição de negatividade da própria consciência. Consciência é completude; o inconsciente é o negativo e o indeterminado.

Embora eles compartilhem o mesmo estatuto ontológico, a latência de um é a ausência de outro; a negação de um, dá existência ao outro – ainda que feitos, por assim dizer, do mesmo *material* ontológico. Se Freud coloca a consciência sob suspeita, como lugar de superfície do inconsciente, lugar de ocultamento, de distorção e ilusão; Kierkegaard a coloca como a realização material de uma existência autodeterminada. A condição de *inconsciência* não é um fator simplesmente inato, é uma condição patológica, é a negação do próprio *self*; e, não como em Freud, sua manifestação. Kierkegaard era um observador astuto da sociedade de Copenhague, dele mesmo e da condição humana. Colocava-se como uma espécie de microcosmos da condição humana universal e acreditava que o autoexame sob o microscópio da autorreflexão revelaria a própria condição humana. Qualquer possibilidade de investigar uma psicologia do inconsciente kierkegaardiano, parte assim, de um método introspectivo e autoanalítico. Assim, Anticlimacus é o pseudônimo por excelência da autoinvestigação kierkegaardiana.

A análise kierkegaardiana do desespero (*Fortvivelse*) – e, também da angústia (*Angest*) – é produto de um aprofundamento conceitual de patologias psicológicas específicas que acabam por exprimir traços estruturais do ser humano, tais como a subjetividade, o espírito, o *self* e a *consciência*. *Fortvivelse*, especificamente, é abordado como uma *doença* com sintomas específicos que comprometem ontologicamente aspectos estruturantes do *self* do sujeito *qua* existente e a constituição da sua consciência psíquica.

*A Doença para a Morte*, na sua primeira parte, pode ser lida puramente como uma obra de psicologia clínica descritiva e a segunda como uma fenomenologia da “cura” através de conceitos da dogmática, tais como *pecado* e *fé* – aspecto da obra que levou autores como Walter Kaufmann (1980) a afirmarem que Kierkegaard costuma ser extremamente perceptivo quando lida com a identificação e descrição de patologias (a inautenticidade, o desespero)<sup>2</sup>, mas bastante decepcionante quando descreve a cura (autenticidade, o *self*) já que ele recorre às premissas da dogmática cristã.

Nessa obra, a narrativa de Anticlimacus se desenrola de modo que cada grau de desespero manifesta falhas distintas no *self* e ocorrem quando ele deixa de ser o que é. As falhas no *self* estão, assim, fundamentalmente ligadas ao que ele próprio é e reparadas pelo que ele deve se tornar – por isso o *self* nunca *existe* propriamente (SKS XI, p. 143).<sup>3</sup> As disfunções e falhas se expressam numa variedade de fenômenos psicológicos estruturados em uma espécie de taxonomia na primeira parte da obra. Aos poucos, o mal-estar psicológico subjacente dá lugar ao relacionamento interno dos

<sup>2</sup> *Discovering the Mind*. New York: McGraw-Hill, 1980, p. 28.

<sup>3</sup> A sigla SKS (*Søren Kierkegaards Skrifter*) faz referência a última edição crítica da obra de Kierkegaard no original em dinamarquês. O número em algarismo romano corresponde a obra citada, no caso, aqui, corresponde ao número XI, ou seja, *A Doença para a morte*, seguida do número da página.

elementos antes mal relacionados o que paulatinamente faz emergir aspectos ontológicos do *self* e da consciência ao relacionar corretamente as propriedades que os constituem.

Assim, de um lado, Kierkegaard/Anticlimacus pretende (a) Construir uma taxonomia do desespero; de outro, (b) Analisar o que quer dizer ser um *self* e ter consciência. A e B são projetos interdependentes e intimamente relacionados. Ao galgar os níveis de desespero, o *self* vai constituindo aspectos que, negativados no estado psicológico de desespero, positivam-se e integram ontológica e estruturalmente o *self*. A *negação* de um é, por consequência lógica, a afirmação *positiva* do outro. No entanto, à moda hegeliana, a complexa dialética de autoexclusão mútua entre o *self* (A) e o desespero (não-A) nos impõe um desafio: não parecemos poder formular esta relação por meio do princípio de não-contradição porque segundo ele A não pode ser A e não-A ao mesmo tempo; e Kierkegaard parece por vezes querer dizer que “A não é B” e que “A é B” ao mesmo tempo sob o mesmo aspecto, isto é, o “*self* é o não-desespero”, “o contrário do *self* é desespero” e “Ter um *self* é viver o desespero” e, ao mesmo tempo, “o contrário do desespero é a fé” (SKS XI, p.164), “desespero é pecado” (SKS XI, p.195), o “contrário do pecado é a fé” (SKS XI, p.196). Esta discussão nos interessa aqui na medida em que o resultado desse intercurso é também o da formação psicológica da consciência.

Apesar da relação de oposição entre *selv* e *fortvivelse* não ser dualista ou maniqueísta, mas dialética – há formas de desespero que incorporam um *self* de primeira ordem e uma *consciência de estado* (de desespero) – o quadro representa os extremos entre as formas tipológicas de desespero e o estado de plenificação do *self*. Em alguma medida é isso que Kierkegaard está propondo, apesar da contraposição lógica deixar de fora os momentos dialéticos intermediários e o quadro representar apenas os extremos do processo. O *self*, como atividade dialética, e a consciência como, ao mesmo tempo, produto e fundamento dele, devem ambos serem postulados para além da relação de ser-ou-não-ser. Trata-se de entidades que crescem qualitativamente numa progressão dialética.

Kierkegaard discute duas possibilidades de personificação do desespero, que acabam representando divisões da obra: (a) Sob o ponto de vista das sínteses do *self*; (b) Sob o ponto de vista da consciência. O que quer dizer que há duas formas de o sujeito evadir-se em desespero: pelo *self* ou pela consciência. No primeiro caso, as estruturas de pares opostos do *self* vão evadindo-se na não sintetização dos polos opostos, exemplos de tais estruturas categoriais incluiriam: imediato e mediado; interno e externo; atual e ideal; temporal e eterno; finito e infinito; possibilidade e necessidade ou liberdade e necessidade.

Anticlimacus apresenta uma forma consciente e uma inconsciente de desespero divididas em três tipos: (i) desesperadamente não ser consciente de ter um *self*; (ii) desesperadamente não querer ser *self*; (iii) desesperadamente querer ser *self*. No sentido estrito, há apenas duas formas porque a primeira conta como uma espécie de *ignorância* ou *inconsciência* do seu próprio estado de desespero – o desespero está como que camuflado numa vida que há *ignorância* do seu próprio interdito psíquico e espiritual. Analisaremos a seguir a forma de desespero inconsciente com o objetivo de aclarar aspectos internos elementares de uma possível psicologia kierkegaardiana do inconsciente.

## 2 AS PERSONIFICAÇÕES DO DESESPERO INCONSCIENTE: O FILÓSOFO, O PAGÃO E O ESTETA

Kierkegaard introduz, através do quadro das formas de *desespero inconsciente*, uma categoria de opostos que se constitui paralela e dependente aos opostos inconsciência/consciência: o conhecimento/ignorância. Na descrição das formas de desespero inconsciente, a *ignorância* aparece como uma categoria epistêmica mesmo que represente o extravio de um tipo específico de conhecimento – aquele sobre si mesmo. Kierkegaard identifica esse desespero com duas características aparentemente incongruentes, o que ele chama de (a) *obstinação da verdade*, onde usa a expressão latina “*verum index sui et falsi*” (*a verdade é critério dela mesma e do falso*) o que nos faz pensar que há aqui, um tipo de relação epistêmica qualificada do sujeito com a verdade; e (b) *O desconhecimento de si como espírito* o que, contrariando a primeira característica, qualifica-se como um conhecimento deficitário (ou desconhecimento) de si próprio que resulta em *inconsciência*.

A característica central dessa forma de desespero é estar numa espécie de *erro epistêmico* sobre si mesmo. Embora o sujeito, ao menos aparentemente, conheça verdadeiramente o mundo todo seu conhecimento é, no entanto, ou intelectualmente abstrato, ou sensivelmente determinado ou fundamentado em premissas pagãs: isto é, não possui conhecimento qualificado em sentido estrito kierkegaardiano. Para Kierkegaard, é a ausência de determinação espiritual que caracteriza o sujeito como *inconsciente e ignorante*. O espírito, a consciência e o conhecimento aparecem como categorias conjuntas e fundamentais, ao mesmo tempo, para a formação espiritual do sujeito *qua* existente, mas também para a fundamentação epistêmica do sujeito *qua* cognoscente.

A equação que Kierkegaard/Anticlimacus montou entre *self*, consciência e vontade aparecem agora com novas categorias que vão sendo conjugadas até formar qualitativamente a consciência. O sujeito no centro dessa narrativa é uma espécie de anti-herói do socratismo<sup>5</sup> porque ele não teme a possibilidade de que todas as categorias sob as quais ele se fundamenta sejam falseadas, ele não teme ou não percebe estar errado e, portanto, tem uma relação deficitária com a verdade, resultando em desconhecimento do seu próprio estado de *ignorância* epistêmica. O sujeito fica dois níveis mais distante do *self*, o nível do desespero em que está e o nível da *ignorância* da própria condição espiritual-psicológico-epistêmica:

O desesperado que ignora estar em desespero está, em comparação com aquele que está consciente de estar desesperado, apenas um ponto negativo mais distante da verdade e da salvação. O próprio desespero é uma negatividade, e a ignorância/inconsciência do desespero é uma nova negatividade. *Mas para alcançar a verdade deve-se passar por cada negatividade [...] Mas a ignorância está tão longe de suprimir o desespero ou de transformar o desespero em não-desespero que, ao contrário, pode ser a mais perigosa forma de desespero* (KIERKEGAARD, 2022, p.79; SKS XI, 159, grifo nosso).

<sup>4</sup> “A verdade é critério de si mesma e do falso”: referência a Spinoza, em *Ética* II, Proposição 43, Escólio. Ver também: KIERKEGAARD. S. *Migalhas Filosóficas*, Trad. de Álvaro L. M. Valls e Ernani Reichmann. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 78.

<sup>5</sup> “Assim como está longe de ser o caso de que as pessoas em geral considerem a relação com a verdade, o ato de se relacionar com a verdade, como sendo o bem supremo, muito longe da posição socrática que considerava o estar no erro como a maior das desgraças; o sensível nelas tem frequentemente sobrepujado, em muito, sua intelectualidade” (KIERKEGAARD, 2013, p.77; SKS VII, p. 158).

É destacável, contudo, que embora na descrição desse desespero Anticlimacus fale de um certo desacerto epistêmico do sujeito, os exemplos que ele dá são de sujeitos que parecem viver um tipo de vínculo epistêmico seja intelectual, cristão ou estético com o mundo e, assim, aparentemente acoplado, em algum nível de comprometimento, com alguma noção, ainda que primária, de *verdade*. Kierkegaard parece reconhecer, portanto, que eles têm um conhecimento aparentemente arrojado do mundo, mas debilitado pela própria falta de autoconhecimento, autorreconhecimento e autorreflexão – categorias estas que agora “destravam” os níveis mais arrojados de desespero e, portanto, a possibilidade de consciência.

Apesar de não ter consciência do próprio quadro clínico – e, conseqüentemente não exista autoconsciência num sentido pleno – parece haver um nível de consciência epistêmica do mundo (i.e., consciência *de algo*) arrojadíssimo. O que parece filosoficamente indefensável – como é possível conhecer o mundo sem efetivamente conhecer e reconhecer a si próprio nele? – é aqui uma tese original de Kierkegaard. Muitas das narrativas sobre o esteta – a figura literária por excelência dessa forma de desespero – demonstram que um alto grau de conhecimento do mundo pode caminhar muito bem com uma ignorância psíquica e epistêmica de si mesmo neste mesmo mundo.<sup>6</sup>

Os protótipos de desespero da *ignorância* e da *inconsciência* que Kierkegaard descreve são representações de conhecimentos considerados qualificados do mundo: conhecimento sensível, conhecimento intelectual e conhecimento cristão. A vida nesses modelos tipológicos de desespero é marcada pelo conhecimento intelectual, cristão ou sensível do mundo e, ao mesmo tempo, por um desconhecimento psíquico deles próprios. O que baliza os diferentes tipos de *inconsciência* e *ignorância* é a marca da *aespiritualidade* – isto é, o desconhecimento de si como espírito:

Toda existência humana que não é consciente de si mesma enquanto espírito ou pessoalmente consciente de si mesma enquanto espírito diante de Deus, toda existência humana que não se funda transparentemente em Deus, mas obscuramente descansa e se entrega a algum universal abstrato (Estado, Nação etc.) (KIERKEGAARD, 2022, p. 81; SKS XI, p.161).

Na linguagem natural e na filosofia contemporânea estar *inconsciente* é não possuir estados mentais qualificados; refere-se geralmente a uma inatividade ou incapacidade de reconhecimento de objetos do mundo externo e de objetos abstratos (números, proposições), no máximo, alguns filósofos reconhecem que existem experiências inconscientes ou que podemos estar *cientes* de objetos externos em um sentido *inconsciente* (CARRUTHERS, 2000). No entanto, aqui Kierkegaard está postulando um “conhecimento-ignorante” ou uma “consciência-inconsciente” na qual o sujeito *tem* determinado conhecimento do mundo externo, mas não tem consciência apropriada de si mesmo neste mesmo mundo o que gera um fosso e leva a certos problemas de autorreconhecimento.

A *inconsciência* aqui não aparece como uma vida vegetativa, mas sim como uma vida propriamente intensa e ativa. Porque a atividade consciente primordial é, aqui, a atividade espiritual. O sujeito pode não apresentar traços externos ou internos da patologia, inclusive, quanto mais

<sup>6</sup> O exemplo mais paradigmático é a relação de dependência emocional que Johannes deseja introduzir em Cordélia no *Diário do Sedutor*. Ele usa de inúmeros artifícios, como grande conhecedor do mundo sensível, para introduzir na jovem.

saudável aparenta ser maior pode ser o desespero porque maior é o desconhecimento e a mistificação de si na exterioridade (SKS, XI, p. 160). Como antecipei, Anticlimacus dá três exemplos muito característicos: o do desesperado que (a) vive nas categorias do sensível ou sensoriais; do que (b) vive nas categorias intelectuais ou abstratas – é bem representativo que Kierkegaard use uma referência à pessoa de Hegel neste exemplo; e o que (c) vive no *paganismo*. As representações desse nível de (in)consciência psicológica estão no *esteta*, no filósofo e no *pagão* porque eles não possuem consciência efetiva de seu próprio estado anímico.

### (a) A (in)consciência psíquico-sensorial do esteta

O esteta é uma figura literária recorrente no *corpus* kierkegaardiano. Trata-se de um *eu* de primeira ordem fundamentado unicamente em determinações exteriores e sensíveis. Ele é referenciado como um tipo de *self* que não se reconhece como distinto dos objetos do mundo porque reconhece ambos (a si mesmo e aos objetos) com a mesma carga de exterioridade e como entidades metafisicamente similares:

O sensível e o sensível-anímico [psíquico- físico] o dominam completamente; provém do fato de que ele vive nas categorias do sensível, o agradável e o desagradável, sem se preocupar com o espírito, a verdade e assemelhados; provém do fato de que ele é preso demais ao sensível para ter coragem para ousar e para suportar ser espírito (KIERKEGAARD, 2022, p.77; SKS XI, p.158).

Ele cita o caso das pessoas que constroem uma casa (uma representação delas mesmas), mas habitam no porão – isto é, nas categorias inferiores e imediatamente determinadas do sensível:

Este é infelizmente o caso, triste e ridículo, da maioria das pessoas, que elas, em suas próprias casas, preferem habitar o porão. *Cada ser humano é a síntese anímico-corpórea estabelecida para ser espírito, esta é a construção*; mas ele prefere habitar o porão, ou seja, as determinações do sensível [nas categorias do sensível]. E ele não apenas prefere morar no porão como ele o ama a tal ponto que fica indignado quando alguém lhe sugere ocupar o belo andar superior que está vago à sua disposição – já que ele, afinal de contas, mora na sua própria casa (KIERKEGAARD, 2022, p.78; SKS XI, p.158).

O *self* é a síntese dialética de resultado tricotômico (corpo, alma e espírito); mas este homem prefere viver nas determinações dicotômicas-psicofísicas ou psíquico-sensoriais, isto é, prefere as limitações de um eu cartesiano que não se vê destinado a ter um eu eterno e durável; mas apenas físico, corpóreo, sensível, nunca espiritual e eterno.



**(b) A (in)consciência do pensador abstrato**

O segundo exemplo aparece como uma referência direta a Hegel contrastando sua capacidade especulativa com sua representação e relação consigo próprio; isto é, contrastando a personificação do sujeito existente *qua* atual dentro do sistema com a representação que o próprio Hegel faz de si:

Um pensador constrói um prédio enorme, um sistema, um sistema englobando toda existência e história universal etc. – e se observamos sua vida pessoal então descobrimos, para nossa surpresa, essa coisa horrível e ridícula: ele mesmo, pessoalmente, não habita este enorme palácio de elevadas abóbadas, mas um galpão ao lado ou uma casinha de cachorro ou, na melhor das hipóteses, a casinha do porteiro. [...] ele não teme estar no erro, desde que consiga terminar o seu sistema – graças ao fato de estar no erro (KIERKEGAARD, 2022, p. 78; SKS XI, p.158-159).

Retomando a analogia da pessoa que possui uma casa de muitos quartos, mas habita o porão ele agora se direciona especificamente às filosofias sistemáticas e seus precursores. O que é característico nessas formas de explicar o mundo é que elas abarcam toda a história mundial, mas não incorporam o sujeito *qua* existente em verdade, apenas uma representação muito pobre que habita um espaço categorialmente menor que o próprio sujeito *qua* atual tem na existência efetiva. Esse modelo tipológico não chega a se reconhecer em estado de desespero porque carrega um grande conhecimento epistêmico do mundo, da história, de sistemas de ideias e fica, ele mesmo, hipostasiado nesse conhecimento: “Ele não teme estar no erro desde que consiga terminar o seu sistema, graças ao fato de estar no erro” (KIERKEGAARD, 2022, p.78; SKS, XI, p.159). O desacerto epistêmico dos pensadores sistemáticos com o mundo; o desencaixe entre a vida interna do sujeito e as categorias dos sistemas abstratos é uma forma de viver na ignorância (não-conhecimento) e na inconsciência de si mesmo.

**(c) A (in)consciência do pagão.**

O pagão também é uma figura recorrente no *corpus* kierkegaardiano. No *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas* (1846), ele explica que paganismo é tanto considerar Deus como sendo passível de algum tipo de investigação empírica quanto pensar que algum tipo de relacionamento “direto” com Ele é possível. Todo paganismo consiste nisso, que Deus se relacionaria diretamente com o ser humano (KIERKEGAARD, 2013, p.255; SKS VII, p. 205)<sup>7</sup>. Em outra passagem ele já equipara paganismo e irreflexão (KIERKEGAARD, 2013, p. 134; SKS VII, p. 105), como também faz aqui em *A*

<sup>7</sup>“A relação direta com Deus é justamente, paganismo, e só quando a ruptura já aconteceu, apenas então, pode-se falar de uma verdadeira relação com Deus. Mas esta ruptura, precisamente, o primeiro ato da interioridade no rumo da determinação de que a verdade é a interioridade”.

## Notas sobre uma psicologia kierkegaardiana do inconsciente

MENDES, Natália

*Doença para a Morte*; em outra, afirma que toda possibilidade de *reconhecimento imediato* é paganismo pré-socrático – isto quer dizer que *(re)conhecer* exige aquilo que ultrapassa o imediato: a Reflexão; e que “saber recitar de cor uma confissão de fé é paganismo, pois o cristianismo é a interioridade” (KIERKEGAARD, 2013, p.235; SKS VII, p. 188).

Numa passagem que equipara paganismo e desespero, *Anticlimacus* faz uma distinção, já pontuada por *Hanfniensis*, entre paganismo na cristandade e o paganismo num sentido mais estrito comparando e equiparando as duas determinações ao esteta, isto é, entre o pagão com aparência cristã e o esteta pode não haver nenhum ganho categorial de consciência. O primeiro tipo de pagão, o da cristandade, carece de espírito, mas, mesmo assim, é determinado *em direção ao espírito*; o segundo *carece de espírito* e afasta-se dele. Ambos, contudo, não tem nenhum conhecimento de si mesmo como Espírito ou de estar diante de Deus enquanto tal:

Entretanto há e permanece havendo uma diferença, e é uma diferença qualitativa, entre o paganismo no sentido mais estrito e o paganismo na cristandade, a diferença para a qual *Vigilius Hanfniensis* chamou a atenção com relação à angústia, qual seja, a de que o paganismo certamente carece de espírito mas, mesmo assim, *é determinado em direção ao espírito*, ao passo que o paganismo na cristandade carece de espírito afastando-se dele ou como uma deserção e, portanto, é ausência de espírito no sentido mais estrito (KIERKEGAARD, 2022, p.82; SKS XI, p. 161-162).

O paganismo é desespero, mas não sabe; diz-se cristão, comporta-se como um, mas não tem o *crístico*. Em inúmeras ocasiões ele compara o pagão ao esteta porque o pagão tem características admiráveis do ponto de vista estético:

Era isso que *os antigos pais da Igreja queriam dizer quando afirmavam que as virtudes dos pagãos são vícios brilhantes*, eles queriam dizer que *o núcleo do paganismo era desespero*, que o paganismo não tinha consciência de estar diante de Deus enquanto espírito (KIERKEGAARD, 2022, p.81; SKS XI, p.161, grifo nosso).

Equiparando o pagão ao esteta, *Anticlimacus* também adiciona que ele faz uso das artes e das ciências, como faz da religião, para gozar esteticamente a vida. Uma vida que carece de determinação espiritual:

Seria também uma enorme tolice negar que tanto nações pagãs *en masse* como pagãos individuais tenham realizado façanhas surpreendentes que tenham entusiasmado e ainda hão de entusiasmar poetas, negar *que o paganismo ostente exemplos que não se possa admirar o suficiente do ponto de vista estético*. Também seria uma insensatez negar que no paganismo se tenha levado e *que o ser humano natural possa levar uma vida rica no maior gozo estético, usando no maior bom gosto cada um dos favores que lhe é concedido e ainda deixando a arte e a ciência servirem para aumentar,*

## Notas sobre uma psicologia kierkegaardiana do inconsciente

MENDES, Natália

embelezar e refinar o seu prazer. (KIERKEGAARD, 2022, p. 80-81; SKS XI, p.160).

O que importa destacar desse nível de desespero mais elementar é que o sujeito parece não reconhecer nem um *self* nem uma consciência de primeira ordem por não se reconhecer na condição em que está, não perceber que é determinado espiritualmente e, por isso mesmo, como uma entidade radicalmente distinta do mundo com que se relaciona. Ele se anula naquilo que vê; e não vê a si próprio mais do que como uma representação dos objetos do mundo.

No entanto, se ele goza esteticamente ou intelectualmente a vida há algum nível de *consciência de* (do mundo). Kierkegaard parece afirmar que pelo sujeito não ver a si mesmo como espírito determinado eternamente; ele apenas se percebe como uma extensão espacial e temporal do mundo. No entanto, essa afirmação parece um tanto confusa já que, se ele é um grande conhecedor do mundo, ele deve saber que ele próprio não é o mundo e se distingue dos seus objetos. O ponto fundamental é que apenas pela autodeterminação espiritual é que o sujeito se qualifica epistemicamente para perceber a distinção entre um sujeito no mundo e os objetos do mundo.

Descrevemos até o desespero inconsciente que evidencia a importância do que Kierkegaard chama de “conhecimento” para a formação da consciência. Descrevo a seguir os modelos de desespero conscientes. Nestes, a categoria balizadora da consciência é, no lugar do conhecimento, a vontade. Eles são divididos entre o ato consciente de *não querer ser self* (desespero-fraqueza) e o ato consciente de *querer ser self* (desespero-desafio). Ou seja, não apenas o conhecimento deve ser equalizado para levar do desespero à formação da consciência como também a vontade e a ação – já que aparece o “querer” como uma atividade negativa (*não querer*) e positiva (*querer*). O que nos interessa nessa discussão é: (i) identificar o funcionamento da consciência de primeira ordem no desespero; (ii) e como a consciência *per se* vem a ser postulada a partir da regulação desse estado. Se no grau anterior faltavam categorias como espírito, verdade e conhecimento para a regulação da consciência e de uma melhor autorrepresentação do sujeito no mundo, aqui estas já aparecem, mas em níveis deficitários. Kierkegaard divide, a partir daí, o desespero que porta uma consciência de primeira ordem entre o que ele chama de um *tipo fraco* e um *tipo forte* de desespero – que ele denomina também, respectivamente, de desespero feminino e desespero masculino; ou desespero-fraqueza e desespero-desafio os quais representam níveis distintos de consciência.

## CONCLUSÃO

A plenificação do *self* envolve categorias epistêmicas e psíquicas, tais como: conhecimento, vontade, imaginação, paixão, fantasia, reflexão, percepção. O equacionamento de pensamentos e sentimentos inconscientes passa pelo processo de apropriação de si próprio a partir de um autorrelacionamento reflexivo. O inconsciente freudiano, em contrapartida, é algo que está ali, é parte da nossa constituição psíquica, nunca totalmente superado ou encerrado, fundamenta, ainda que de modo ambivalente, a consciência e aparece na forma de *atos falhos*, pulsões, lembranças encobertas e sonhos. Para Kierkegaard, o sujeito precisa superar o estado de inconsciência para se tornar plenamente consciente de si no mundo, escolhendo e agindo como sujeito autônomo. O

**Notas sobre uma psicologia kierkegaardiana do inconsciente**

MENDES, Natália

inconsciente (*Unbewusste*) freudiano não é, evidentemente, um lugar anatômico, mas é um *lugar psíquico* que opera conteúdos inatos, filogenéticos, pulsões, que se manifestam por histórias imaginárias, fantasias, manifestações de desejos. A consciência deixa lacunas (lapsos, sonhos, parapraxias) e só pode ser explicada pela via do inconsciente. Para Kierkegaard, contudo, o inconsciente não é propriamente um lugar mesmo que imaterial, mas uma negação dialética da consciência, um momento negativo dela, sua *existência* é puramente negativa: ela só existe como condição de negatividade da própria consciência. Consciência é completude; o inconsciente kierkegaardiano é o negativo da consciência, o indeterminado.

**REFERÊNCIAS**

BELL, M **The German Tradition of Psychology in Literature and Thought, 1700-1840**. Cambridge: University Press, 2005.

BENTON, E. “Vitalism in Nineteenth-Century Scientific Thought: A Typology and Reassessment”. **Studies in History Philosophy of Science**. v. 5, (1974), p.17-48.

CARUS, C. G. **Psyche. Zur Entwicklungsgeschichte der Seele**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1964.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Trad. Manuel Resende. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

JAMES, W. **The Principles of Psychology**. New York: Henry Holt and Company, 1890.

KAUFMANN, W. **Discovering the Mind**. New York: McGraw-Hill, 1980.

KIERKEGAARD, S. A. **Søren Kierkegaards Skrifter**. Editado por Niels Jørgen Cappelørn, Joakim Garff, Jette Knudsen, Johnny Kondrup e Alastair McKinnon. Copenhagen: Gad Publishers, 1997–2012.

KIERKEGAARD. S. A. **A Doença para a Morte**. Trad. Jonas Roos. Petrópolis: Vozes, 2022.

KIERKEGAARD. S. A. **Migalhas Filosóficas**. Trad. Álvaro L. M. Valls e Ernani Reichmann. Petrópolis: Vozes, 1995.

KIERKEGAARD. S. A. **Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas. Vol.1**. Trad. Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2013.

KLEMPE, S. H. Kierkegaard and Psychology as the Science of the ‘Multifarious Life’. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, 3, 47(2013), p. 367–375.

MCCARTHY, V. **Kierkegaard as Psychologist**. Northwestern University Press, Evanston, Illinois, 2015.

**Notas sobre uma psicologia kierkegaardiana do inconsciente**

MENDES, Natália

NOÉ, Sidnei. O Inconsciente é a chave para o Consciente: A Psique Humana, Segundo C. G. Carus. **Revista Estudos Teológicos**. v. 55 n. 1. (2015) p. 144-168.

NOÉ, Sidnei. Quando a ideia se autorreconhece: psique e autoconsciência em Carl Gustav Carus. **Númen: Revista de Estudos e pesquisa da Religião**, v. 21, n2, (2018), p. 153-166.

NORDENTOFT, K. **Kierkegaard's Psychology**. Trad. B. Kirmmse. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1978.

STOKES, P. **Kierkegaard's Mirrors: Interest, Self and Moral Vision**. NEW YORK, 2010.

TEIXEIRA, Natalia. Kierkegaard e as Ciências Naturais no Século XIX. **Revista Dissertatio**, vol. 54 (2021), p.3-31.